REBESDE
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E DESEMPENHO
UniFatecie
ISSN: 2763-8421
Copyright: este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Atribuição Creative Commons License®, que permite o uso irrestrito, distribuição, e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e fonte originais são creditados.

OBESIDADE INFANTIL E DESENVOLVIMENTO ESCOLAR: DESEMPENHO ACADÊMICO, ATENÇÃO E RELAÇÕES SOCIAIS – UMA REVISÃO NARRATIVA

CHILDHOOD OBESITY AND SCHOOL DEVELOPMENT: ACADEMIC PERFORMANCE, ATTENTION AND SOCIAL RELATIONSHIPS – A NARRATIVE REVIEW

Daniel Aparecido Valenciano
Centro Universitário Unifatecie

Daiani Frotté
Centro Universitário Unifatecie

DOI: 10.33872/rebesde.v7n2.e063

CONTATO

Daniel Aparecido Valenciano
daniel.valenciano@fatecie.edu.br

Resumo: A obesidade infantil configura-se como um dos principais desafios de saúde pública contemporâneos, com prevalência crescente em países desenvolvidos e em desenvolvimento. Embora suas repercussões cardiometabólicas estejam bem estabelecidas, acumulam-se evidências de que o excesso de peso na infância também se associa a dimensões do desenvolvimento escolar, o que confere ao tema relevância que ultrapassa o campo clínico e alcança a educação básica. Justifica-se, assim, a necessidade de reunir o conhecimento produzido sobre essa relação, sobretudo em razão da escassez de sínteses que articulem, simultaneamente, desempenho acadêmico, funcionamento cognitivo e convivência social no ambiente escolar. O objetivo deste artigo foi analisar, a partir da literatura científica nacional e internacional, de que modo a obesidade infantil se relaciona ao desenvolvimento escolar de crianças e adolescentes, considerando três dimensões: desempenho acadêmico, atenção e funções executivas, e relações sociais. Trata-se de revisão narrativa da literatura, na qual foram analisados sete estudos nacionais e internacionais, publicados entre 2007 e 2026 e selecionados por sua pertinência ao tema a partir de busca não sistemática, que abordavam obesidade ou sobrepeso em população escolar de 6 a 18 anos e apresentavam ao menos um desfecho relacionado ao contexto educacional. Os estudos reúnem delineamentos transversal, qualitativos, longitudinal e revisões sistemáticas. Os principais resultados indicam associação inversa, de magnitude modesta, porém consistente, entre excesso de peso e desempenho escolar, mais expressiva entre meninas e em desfechos de matemática e linguagem. Os achados permitiram organizar a relação observada em três

REBESDE
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E DESEMPENHO
UniFatecie
ISSN: 2763-8421
Copyright: este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Atribuição Creative Commons License®, que permite o uso irrestrito, distribuição, e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e fonte originais são creditados.

vias interpretativas: alterações neurocognitivas que comprometem o controle inibitório e a atenção; sofrimento psicossocial decorrente do bullying e da insatisfação com a imagem corporal; e determinantes socioeconômicos e familiares associados tanto à obesidade quanto à desvantagem educacional. Conclui-se que a obesidade infantil deve ser considerada não apenas como condição de saúde, mas também como fator associado ao desenvolvimento escolar, o que reforça a importância de ações articuladas entre os setores da saúde e da educação, com a escola como espaço relevante para a identificação precoce e o enfrentamento do problema.

Palavras-chave: Obesidade infantil. Desempenho acadêmico. Funções executivas. Bullying escolar. Saúde escolar.

Abstract: Childhood obesity is one of the main contemporary public health challenges, with increasing prevalence in both developed and developing countries. Although its cardiometabolic consequences are well established, evidence has accumulated that excess weight in childhood is also associated with dimensions of school development, giving the topic a relevance that extends beyond the clinical field and reaches basic education. This justifies the need to bring together the knowledge produced on this relationship, especially given the scarcity of syntheses that simultaneously address academic performance, cognitive functioning and social interaction in the school environment. The aim of this article was to analyse, based on national and international scientific literature, how childhood obesity relates to the school development of children and adolescents, considering three dimensions: academic achievement, attention and executive functions, and social relationships. This is a narrative literature review analyzing seven national and international studies published between 2007 and 2026, selected for their relevance to the topic through a non-systematic search, addressing obesity or overweight in school-age populations (6-18 years) and presenting at least one educational outcome. The studies encompass cross-sectional, qualitative and longitudinal designs as well as systematic reviews. The main results indicate an inverse association, modest yet consistent in magnitude, between excess weight and school performance, more pronounced among girls and in mathematics and language outcomes. The findings allowed the observed relationship to be organized into three interpretive pathways: neurocognitive alterations that compromise inhibitory control and attention; psychosocial distress resulting from bullying and body image dissatisfaction; and socioeconomic and family determinants associated with both obesity and educational disadvantage. It is concluded that childhood obesity should be considered not only as a health condition but also as a factor associated with school development, reinforcing the importance of coordinated action between the health and education sectors, with schools as a relevant setting for early identification and management of the problem.

REBESDE
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E DESEMPENHO
UniFatecie
ISSN: 2763-8421
Copyright: este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Atribuição Creative Commons License®, que permite o uso irrestrito, distribuição, e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e fonte originais são creditados.

Keywords: Childhood obesity. Academic achievement. Executive functions. School bullying. School health.

INTRODUÇÃO

A obesidade infantil consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos principais problemas de saúde pública em escala mundial, atingindo tanto países de alta renda quanto nações em desenvolvimento. A condição permanece altamente prevalente e concentra-se desproporcionalmente em comunidades socioeconomicamente desfavorecidas, o que a converte também em marcador de desigualdade (Tekchandani et al., 2026).

No Brasil, o problema manifesta-se precocemente: estudo de base populacional com crianças ingressantes no ensino fundamental da região metropolitana de São Paulo identificou excesso de peso em 17% delas (Mondini et al., 2007), o que indica que parcela expressiva das crianças já inicia a trajetória escolar com alteração do estado nutricional.

Em escala global, mais de 390 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 19 anos apresentavam sobrepeso em 2022, cerca de 160 milhões com obesidade (Organização Mundial da Saúde, 2025), e a obesidade nessa faixa passou de 3% em 2000 para 9,4%, superando pela primeira vez a magreza (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2025). No Brasil, a Pesquisa de Orçamentos Familiares apontou excesso de peso em cerca de uma em cada três crianças de 5 a 9 anos (IBGE, 2010).

Nessa faixa etária, o diagnóstico baseia-se no escore-z do índice de massa corporal para a idade, com sobrepeso acima de um desvio-padrão da mediana e obesidade acima de dois (Organização Mundial da Saúde, 2025). Comorbidades como resistência insulínica, diabetes tipo 2, dislipidemia, hipertensão, doença hepática gordurosa e apneia do sono já são observáveis na infância, e o excesso de peso nesse período prediz obesidade e risco cardiovascular na vida adulta (Lister et al., 2023). Entre os fatores ambientais, destaca-se o tempo de tela, excessivo em 70,9% dos adolescentes brasileiros (Schaan et al., 2019) e associado, na categoria mais elevada de exposição, a probabilidade 27% maior de sobrepeso ou obesidade (Haghjoo et al., 2022).

Historicamente, as consequências da obesidade infantil foram investigadas sob ótica predominantemente clínica, deixando em segundo plano as repercussões que se manifestam na escola. Estudos de coorte indicam, porém, que a obesidade na adolescência se associa negativamente aos anos de escolaridade concluídos, à matrícula no ensino superior, à renda e ao emprego na vida adulta (Martin et al., 2017), o que sugere que as repercussões da condição podem ultrapassar o campo da saúde e alcançar as dimensões educacional e econômica.

Este estudo teve como objetivo analisar, a partir da literatura nacional e internacional, a relação entre a obesidade em crianças e adolescentes de 6 a 18 anos e o desenvolvimento

escolar, considerando não apenas o desempenho acadêmico, mas também aspectos relacionados à atenção, às funções executivas, à regulação comportamental e às relações sociais no ambiente escolar. Buscou-se caracterizar a obesidade quanto ao conceito, à prevalência e aos fatores associados, bem como discutir sua possível relação com o rendimento escolar e seus efeitos sobre processos cognitivos e psicossociais, com destaque para as experiências de bullying. Considerando que essa relação não é linear e pode ser influenciada por fatores como gênero, faixa etária e contexto socioeconômico, além de envolver mecanismos biológicos, psicossociais e estruturais, o estudo também procurou integrar evidências provenientes da epidemiologia nutricional, da neuropsicologia do desenvolvimento e da psicologia escolar. A análise dessa interface justifica-se pela necessidade de ampliar a compreensão dos impactos da obesidade para além dos indicadores antropométricos, uma vez que estratégias direcionadas exclusivamente à redução do índice de massa corporal podem ser insuficientes para compreender e enfrentar possíveis repercussões no desenvolvimento escolar.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico. Diferentemente das revisões sistemáticas e integrativas, a revisão narrativa não segue protocolo de busca reprodutível: a seleção dos estudos baseia-se em sua pertinência ao tema e no julgamento dos autores, o que confere flexibilidade à análise, mas limita a exaustividade e a reprodutibilidade dos achados.

Os estudos foram identificados por busca não sistemática na literatura científica nacional e internacional, sem estratégia padronizada ou etapas formais de triagem. Priorizaram-se artigos completos, em acesso aberto, publicados entre 2007 e 2026, em português, inglês ou espanhol, que abordassem obesidade ou sobrepeso em crianças e adolescentes de 6 a 18 anos e apresentassem ao menos um desfecho relacionado ao desenvolvimento escolar: desempenho acadêmico, função cognitiva ou executiva, ou relações sociais no ambiente escolar.

Dos estudos inicialmente considerados, foram descartados aqueles sem acesso ao texto completo ou que não se enquadravam nesses critérios, de modo que sete estudos compuseram o corpus analisado.

Os estudos incluem quatro investigações internacionais e três brasileiras, com delineamentos qualitativos, transversal, longitudinal e revisões sistemáticas. Em Watson et al. (2023), o estado nutricional foi aferido na idade pré-escolar, mas os desfechos escolares foram avaliados aos nove anos, dentro da faixa delimitada. Em Martin et al. (2017), a revisão sistemática de estudos longitudinais foi complementada por grupos focais conduzidos pelos

próprios autores; os achados de cada componente são identificados separadamente nos resultados. O Quadro 1 caracteriza os estudos.

Quadro 1. Caracterização dos estudos analisados na revisão

Nº	**Autores / Ano**	**Faixa etária**	**Delineamento**	**Eixo temático principal**
1	Mondini et al. (2007)	6-7 anos	Transversal populacional	Prevalência e fatores associados
2	Reinert, Po'e e Barkin (2013)	Crianças e adolesc.	Revisão sistemática	Funções executivas e cognição
3	Miziara e Vectore (2014)	6-11 anos	Qualitativo (oficinas psicopedagógicas)	Percepção infantil, bullying e estresse
4	Martin et al. (2017)	Crianças e adolesc.	Revisão sistemática de estudos longitudinais + grupos focais próprios	Desempenho acadêmico (longitudinal)
5	Baggio et al. (2021)	Escolares	Qualitativo (entrevistas)	Imagem corporal e bullying escolar
6	Watson et al. (2023)	3-9 anos	Coorte longitudinal	Trajetória de peso e desempenho
7	Tekchandani et al. (2026)	Crianças e adolesc.	Revisão sistemática (PRISMA) com síntese narrativa	Mecanismos biopsicossociais

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Os dados foram extraídos por fichamento próprio (objetivo, delineamento, população, resultados e conclusões) e analisados de forma descritiva e temática. Os resultados e a discussão baseiam-se exclusivamente nos sete estudos analisados; fontes complementares, externas ao corpus analisado, foram empregadas apenas na introdução, para contextualização. Cinco dos sete estudos foram consultados também em versão traduzida, com conferência dos trechos citados.

Por utilizar exclusivamente dados de domínio público já publicados, a pesquisa dispensou apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados organizam-se em quatro subseções, correspondentes aos objetivos específicos, seguidas de uma síntese dos achados.

Obesidade em crianças e adolescentes: conceito, prevalência e fatores associados

A obesidade é compreendida como doença crônica de origem multifatorial, conforme definição adotada pela Sociedade Brasileira de Pediatria e retomada por Miziara e Vectore (2014, p. 284), segundo a qual se trata de uma

[...] doença crônica, complexa, de etiologia multifatorial e resulta de balanço energético positivo. Seu desenvolvimento ocorre, na grande maioria dos casos, pela associação de fatores genéticos, ambientais e comportamentais (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2008, p. 15 apud Miziara; Vectore, 2014, p. 284).

A definição enfatiza a interação entre predisposição biológica e ambiente, em vez de fatores exclusivamente individuais. Todos os estudos desta revisão avaliam a condição pelo índice de massa corporal ajustado por sexo e idade.

Mondini et al. (2007), avaliando 1.154 ingressantes do ensino fundamental público de Cajamar (SP), identificaram como fatores associados ao excesso de peso a obesidade materna (RP = 3,54), o consumo frequente de alimentos não saudáveis (RP = 2,12), quatro horas ou mais diárias de televisão (RP = 2,08) e maior disponibilidade domiciliar de óleo (RP = 1,52). A obesidade materna, que triplica a prevalência entre os filhos, somada ao excesso de peso em mais de 50% das mães do município, sugere forte componente familiar na determinação do excesso de peso infantil.

Em Uberlândia (MG), Miziara e Vectore (2014) identificaram obesidade em cerca de 10% de 622 escolares de seis a onze anos; entre os participantes das oficinas, 63,2% permaneciam duas horas ou mais por dia diante da televisão, dado convergente com Mondini et al. (2007).

No Paraná, Baggio et al. (2021) apontaram alimentação de baixo valor nutricional, omissão de refeições, inatividade física, sedentarismo dos responsáveis e publicidade alimentar, além da negação da condição pelos familiares, sustentada por crenças de que a criança

emagreceria ao crescer ou de que criança saudável é criança robusta, o que posterga a busca por ajuda profissional.

No plano internacional, Tekchandani et al. (2026) confirmam prevalências elevadas e concentradas em comunidades desfavorecidas, indicando que obesidade e desvantagem educacional compartilham determinantes sociais, o que exige cautela na atribuição de causalidade direta entre uma e outra.

Registre-se que os estudos incluídos avaliam apenas a exposição à televisão, e como variável secundária, de modo que o uso de smartphones e tablets permanece fora do alcance dos estudos analisados.

Obesidade infantil e desempenho acadêmico

A literatura converge para uma associação inversa modesta, porém consistente, entre excesso de peso e rendimento escolar. Tekchandani et al. (2026), ao sintetizarem vinte estudos, relatam nos estudos longitudinais redução média de 0,10 a 0,15 desvio-padrão no desempenho para cada desvio-padrão adicional de índice de massa corporal, o equivalente à perda de dez a quinze dias letivos por ano.

Martin et al. (2017), em revisão centrada em evidências longitudinais, introduziram dois recortes. O primeiro é etário: entre crianças mais novas e pré-adolescentes, em geral não houve associação, possivelmente porque as habilidades cognitivas ligadas ao rendimento se desenvolvem ao longo da adolescência, quando os déficits se tornariam visíveis.

O segundo é de gênero e disciplina: em trinta e um estudos de dezessete coortes, a obesidade associou-se a pior desempenho em matemática entre meninas adolescentes, mas não de modo consistente em leitura nem entre meninos. Os autores relacionam o achado à memória de trabalho, ao raciocínio, à inibição e à flexibilidade cognitiva, fortemente ligados à matemática e prejudicados na obesidade, e ao envolvimento do córtex pré-frontal e do hipocampo, também implicados na regulação do balanço energético.

A maior vulnerabilidade das meninas foi atribuída à estigmatização e ao bullying mais frequentes, experiências associadas a pior rendimento (Martin et al., 2017): não é o peso em si que reduz a nota, mas a experiência social a ele associada.

Na coorte australiana de Watson et al. (2023), com peso aferido entre três e cinco anos e entre seis e oito anos e desempenho avaliado aos nove, a persistência do sobrepeso associou-se, entre as meninas, a menores pontuações em numeracia (B = -25,03), ortografia (B = -33,5), linguagem (B = -37,89) e desempenho geral (B = -24,24); entre os meninos, não houve

associação significativa. Segundo os autores, a diferença correspondeu a cerca de seis meses de escolaridade, o que confere relevância educacional a uma associação estatisticamente modesta.

Meninas que atingiram peso saudável ainda apresentaram notas menores em leitura do que as que sempre o mantiveram, achado que os autores consideram carente de confirmação, mas que, se corroborado, reforça a prevenção precoce. A amostra, contudo, tinha prevalência de excesso de peso (12% a 16%) inferior à média australiana e escolaridade materna elevada (63% com ensino superior), o que limita a generalização para o contexto brasileiro (Watson et al., 2023).

Obesidade, atenção e funções executivas

Reinert, Po'e e Barkin (2013) definem função executiva como o conjunto de processos autorregulatórios que monitoram e controlam pensamentos e comportamentos dirigidos a objetivos, com quatro domínios: controle inibitório, atenção, sensibilidade à recompensa e memória de trabalho. Esses domínios guardam correspondência com exigências da sala de aula, como inibir impulsos, sustentar atenção, adiar gratificações e manter informações disponíveis durante a resolução de problemas.

Nos trinta e um estudos analisados, o controle inibitório foi o domínio mais investigado, e crianças com obesidade tiveram desempenho significativamente pior nessas tarefas ($p < 0,05$); a flexibilidade mental, por sua vez, não foi avaliada em nenhum estudo com crianças (Reinert; Po'e; Barkin, 2013).

Quatro estudos sugerem, ainda, que o controle inibitório prediz o estado nutricional futuro: baixo desempenho aos dois anos correlacionou-se com maior índice de massa corporal aos cinco anos e meio, e aos sete anos predisse o índice até os quinze ($p < 0,001$), embora esta última investigação se restrinja a meninas hispânicas (Reinert; Po'e; Barkin, 2013).

Se o déficit inibitório antecede o ganho de peso, a leitura que atribui à obesidade a origem dos prejuízos cognitivos torna-se insuficiente: a relação pode ser bidirecional ou decorrer de substrato neurobiológico comum, razão pela qual os autores recomendam estudos longitudinais com medidas uniformes das funções executivas.

No plano neuroestrutural, indivíduos com obesidade apresentaram maior ativação do córtex pré-frontal antes da refeição e menor redução após ela ($p < 0,001$), e índice de massa corporal mais elevado associou-se a pior controle inibitório e menor volume de substância cinzenta orbitofrontal ($p = 0,005$). Como os estudos de imagem incluíram apenas jovens a partir de nove anos, o início dessas alterações e sua reversibilidade permanecem desconhecidos (Reinert; Po'e; Barkin, 2013).

Tekchandani et al. (2026) acrescentam os mediadores bioquímicos: a inflamação crônica de baixo grau eleva citocinas como a interleucina-6 e o fator de necrose tumoral alfa, que prejudicam a neurogênese hipocampal e a plasticidade sináptica; a resistência à insulina compromete o metabolismo neural da glicose, afetando atenção e memória de trabalho; e os distúrbios do sono somam fadiga diurna. Esses mecanismos podem comprometer estruturas relacionadas ao controle executivo, habilidades diretamente demandadas no contexto escolar.

Relações sociais, bullying e sofrimento psicossocial

Os estudos qualitativos brasileiros revelam uma dimensão que os delineamentos quantitativos dificilmente capturam: a experiência subjetiva da criança com excesso de peso no espaço escolar.

Miziara e Vectore (2014), em oficinas psicopedagógicas com dezenove crianças obesas, identificaram indicadores de estresse em 21% dos participantes, com predomínio de reações de componente depressivo, como desânimo e percepção de pouca energia. As autoras adotam a definição de bullying como atitudes agressivas, intencionais e repetidas, sem motivação evidente, de um ou mais estudantes contra outros (Lopes Neto, 2005, p. 165 apud Miziara; Vectore, 2014, p. 287).

Os relatos materializam essa definição: "eu fico muito magoada, triste e até ameaçada quando me chamam de hipopótamo, baleia e de quatro olhos" (criança 5 apud Miziara; Vectore, 2014, p. 287). Outra criança conta que, quando provocada, fica quieta em sala e não conta à professora nem ao pai, apenas à mãe (criança 10 apud Miziara; Vectore, 2014).

O relato sugere que a ausência de queixa ao professor não indica, necessariamente, ausência de sofrimento. As famílias, por sua vez, percebem baixo envolvimento docente, afirmando que os professores "não veem ou não querem ver o que está acontecendo" (Miziara; Vectore, 2014).

Uma criança relatou ser rejeitada no futebol "por eu ser mais lento, sempre fico para trás" (criança 17 apud Miziara; Vectore, 2014, p. 288), relato que encontra correspondência nos grupos focais escoceses de Martin et al. (2017), nos quais a Educação Física foi a única disciplina em que as adolescentes declararam ter mau desempenho, sentindo-se ignoradas pelos professores. A convergência entre contextos culturais distintos sugere que o achado não se restringe a um único cenário.

Baggio et al. (2021) observaram que as crianças não relatavam desconforto com o peso no âmbito familiar, mas a maioria o expressava na escola, em razão das ofensas dos pares, o que situa a escola como contexto relevante de manifestação desse desconforto. O estigma

aparece internalizado: "ninguém gosta de ser gordo. Eu mesmo não gosto de ser gordo" (C1 apud Baggio et al., 2021, p. 6, tradução nossa), e todas as crianças indicaram, na escala de silhuetas, imagem corporal diferente da desejada.

Os autores descrevem ainda um circuito de retroalimentação: a criança vítima de bullying compensa a tristeza com a comida, passa a se exercitar menos, isola-se e chega a desejar mudar de escola ou abandoná-la, de modo que o estigma agrava a condição que o originou e reduz o engajamento escolar (Baggio et al., 2021). Em escala internacional, mais de 60% dos adolescentes com obesidade sofrem bullying, associado a ansiedade, depressão e menor participação em sala, e a imagem corporal negativa reduz o envolvimento em atividades físicas e extracurriculares (Tekchandani et al., 2026).

Por fim, nos grupos focais de Martin et al. (2017), adolescentes e responsáveis atribuíram o bom rendimento das jovens à escassez de amizades, que as deixava menos distraídas, possivelmente como forma de evitar o bullying e a rejeição. O achado sugere que o bom rendimento pode coexistir com o empobrecimento da vida social, de modo que indicadores de desempenho, isoladamente, podem não refletir o desenvolvimento escolar em sua totalidade.

Síntese dos achados

A leitura conjunta dos sete estudos permite organizar a relação entre obesidade infantil e desenvolvimento escolar em três vias interpretativas, possivelmente inter-relacionadas, conforme estrutura proposta por Tekchandani et al. (2026).

A via biológica compreende alterações neurocognitivas decorrentes da inflamação crônica, da resistência insulínica e dos distúrbios do sono, associadas a prejuízos no controle executivo e na atenção (Reinert; Po'e; Barkin, 2013; Tekchandani et al., 2026). A via psicossocial manifesta-se pelo bullying, pela insatisfação corporal e pelo sofrimento emocional, que reduzem o engajamento e podem motivar o abandono escolar (Miziara; Vectore, 2014; Baggio et al., 2021). A via socioeconômica remete a determinantes associados tanto à obesidade quanto à desigualdade educacional: em escolas de baixa renda, a diferença de desempenho associada à obesidade foi quase o dobro da observada em contextos abastados (Tekchandani et al., 2026).

Duas ressalvas se impõem. Quanto à direcionalidade, o poder preditivo do controle inibitório em idades precoces sugere relação possivelmente bidirecional (Reinert; Po'e; Barkin, 2013). Quanto ao gênero, enquanto Martin et al. (2017) e Watson et al. (2023) apontam maior vulnerabilidade feminina, Miziara e Vectore (2014) observaram estresse proporcionalmente

mais frequente entre meninos, divergência que, embora limitada pela amostra reduzida, desaconselha generalizações entre contextos culturais distintos.

Do ponto de vista propositivo, Tekchandani et al. (2026) relatam que intervenções escolares de educação física melhoraram a função executiva em 0,3 desvio-padrão ($p < 0,01$) e que a melhora da aptidão física atenuou em 42% a relação negativa entre índice de massa corporal e desempenho, mesmo em programas sem redução ponderal mensurável. Os achados sugerem que estratégias escolares não devem se restringir à redução do peso corporal, podendo contemplar também a promoção da atividade física, da alimentação adequada e do acolhimento psicossocial.

Os relatos de exclusão nas aulas de educação física (Miziara; Vectore, 2014; Martin et al., 2017) indicam, contudo, que esse espaço também pode ser cenário de estigmatização. Nesse sentido, pode-se considerar que estratégias de educação física excessivamente competitivas podem representar um desafio adicional para estudantes que vivenciam estigma relacionado ao peso.

CONCLUSÃO

A revisão indica que a obesidade infantil se relaciona ao desenvolvimento escolar de forma multidimensional, com associações de magnitude modesta e relação possivelmente bidirecional, o que desaconselha interpretações causais lineares.

Os estudos analisados apontaram associação inversa entre excesso de peso e rendimento acadêmico, mais consistente entre meninas e em matemática e linguagem; comprometimento do controle inibitório e da atenção; e o ambiente escolar como importante contexto de manifestação do estigma relacionado ao peso.

Entre as limitações, destacam-se o caráter narrativo da revisão, cuja seleção não sistemática limita a exaustividade e a reprodutibilidade dos achados; o número reduzido de estudos; a heterogeneidade dos delineamentos, que impediu síntese quantitativa; a predominância de investigações de países de alta renda, que limita a transposição dos achados para a realidade brasileira; e a consulta de parte do material em versão traduzida.

Recomendam-se estudos longitudinais em escolas brasileiras que articulem indicadores antropométricos, escolares e psicossociais, com instrumentos uniformes de avaliação das funções executivas, de modo a esclarecer a direcionalidade da relação, bem como revisões com busca sistemática que ampliem e verifiquem o conjunto de evidências aqui reunido. No plano

prático, os resultados reforçam a pertinência de ações articuladas entre saúde e educação que não se limitem à redução do peso corporal.

REFERÊNCIAS

BAGGIO, M. A.; ALVES, K. R.; CAVALHEIRO, R. F.; MATIAS, L.; HIRANO, A. R.; MACHINESKI, G. G.; CALDEIRA, S. Obesidade infantil na percepção de crianças, familiares e profissionais de saúde e de educação. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 30, e20190331, p. 1-13, 2021.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Feeding profit**: how food environments are failing children. Child Nutrition Report 2025. Nova York: UNICEF, 2025.

HAGHJOO, P.; SIRI, G.; SOLEIMANI, E.; FARHANGI, M. A.; ALESAEIDI, S. Screen time increases overweight and obesity risk among adolescents: a systematic review and dose-response meta-analysis. **BMC Primary Care**, Londres, v. 23, art. 161, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009**: antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LISTER, N. B.; BAUR, L. A.; FELIX, J. F.; HILL, A. J.; MARCUS, C.; REINEHR, T.; SUMMERBELL, C.; WABITSCH, M. Child and adolescent obesity. **Nature Reviews Disease Primers**, Londres, v. 9, art. 24, 2023.

MARTIN, A.; BOOTH, J. N.; McGEOWN, S.; NIVEN, A.; SPROULE, J.; SAUNDERS, D. H.; REILLY, J. J. Longitudinal associations between childhood obesity and academic achievement: systematic review with focus group data. **Current Obesity Reports**, Filadélfia, v. 6, n. 3, p. 297-313, set. 2017.

MIZIARA, A. M. B.; VECTORE, C. Excesso de peso em escolares: percepções e intercorrências na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 283-291, maio/ago. 2014.

MONDINI, L.; LEVY, R. B.; SALDIVA, S. R. D. M.; VENÂNCIO, S. I.; AGUIAR, J. A.; STEFANINI, M. L. R. Prevalência de sobrepeso e fatores associados em crianças ingressantes

no ensino fundamental em um município da região metropolitana de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 1825-1834, ago. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Obesity and overweight**. Genebra: OMS, 2025. Fact sheet.

REINERT, K. R. S.; PO'E, E. K.; BARKIN, S. L. The relationship between executive function and obesity in children and adolescents: a systematic literature review. **Journal of Obesity**, Londres, v. 2013, ID 820956, p. 1-10, 2013.

SCHAAN, C. W.; CUREAU, F. V.; SBARAINI, M.; SPARRENBERGER, K.; KOHL III, H. W.; SCHAAN, B. D. Prevalence of excessive screen time and TV viewing among Brazilian adolescents: a systematic review and meta-analysis. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 95, n. 2, p. 155-165, mar./abr. 2019.

TEKCHANDANI, N.; MUKHERJEE, A.; FAROOK, F.; VARGHESE, H.; AIKOROJE, P. Understanding how childhood obesity influences educational outcomes: a literature review. **Cureus**, Palo Alto, v. 18, n. 1, e101691, p. 1-14, jan. 2026.

WATSON, A.; D'SOUZA, N. J.; TIMPERIO, A.; CLIFF, D. P.; OKELY, A. D.; HESKETH, K. D. Longitudinal associations between weight status and academic achievement in primary school children. **Pediatric Obesity**, Oxford, v. 18, n. 1, e12975, p. 1-10, jan. 2023.

Recebido em: 15/10/2026

Aprovado em: 09/11/2026

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

VALENCIANO, D. A.; FROTTÉ, D. Obesidade infantil e desenvolvimento escolar: desempenho acadêmico, atenção e relações sociais – uma revisão narrativa. **REBESDE**, v. 07, n. 02, p. 1-14, 2026.